

## 5. Juventudes, gêneros e sexualidade

**UMA ABORDAGEM SOBRE A MASCULINIDADE TÓXICA EM UMA ESCOLA DO  
BAIRRO DA TERRA-FIRME EM BELÉM/PA**

Gleice Coelho Pereira  
*Universidade Federal do Pará (UFPA)*

Rarima Monteiro Gama  
*Universidade Federal do Pará (UFPA)*

Maitê Regina Duarte da Conceição  
*Universidade Federal do Pará (UFPA)*

Mayla Antonia Souza Dias  
*Universidade Federal do Pará (UFPA)*

**RESUMO**

O presente trabalho relata uma das atividades desenvolvidas pelo Programa Conexões de Saberes: diálogo entre as Universidades e as comunidades populares através de um de seus projetos o “Projeto Conectando Saberes no Ensino Médio” realizado no dia 26 de novembro de 2019 pelo Grupo de Trabalho “Gênero, Raça, Etnia e Direitos Humanos” na Escola EEFM Dr. Celso Malcher na Terra-Firme, bairro periférico de Belém, a escolha da escola se deu pelo fato do “Projeto Conectando Saberes no Ensino Médio” já desenvolver atividades de ensino na mesma, tendo como público alvo os adolescentes do ensino médio com faixa etária de 16 a 19 anos contando com a presença de 20 alunos, sendo 11 meninas e 9 meninos, tendo como tema “A masculinidade tóxica” objetivando analisar e compreender as consequências do patriarcado sobre as mulheres, bem como os danos para os próprios homens e deste modo ampliar os debates acerca do tratamento desigual no que diz respeito às questões de gênero.

*Palavras-chave: Masculinidade Tóxica, Educação, Juventude.*

**1. INTRODUÇÃO**

Tendo como uma de suas diretrizes ampliar a relação entre a Universidade e as camadas populares, o Programa Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares têm fundamental importância na construção de conhecimento tanto na formação intelectual e profissional de seus bolsistas quanto ao permitir que estes promovam troca de conhecimento entre a instituição superior junto à comunidade. Ao ser realizado a troca de saberes extramuros “a universidade se estende e oportuniza espaço e diálogo junto a diferentes instâncias da sociedade” (ZIMMERMANN; SILVEIRA; CRISOSTIMO, 2017, p. 49) permitindo assim, o exercício da cidadania:

Revista Programa Conexões /UFPA On-line. – Vol. 4, 2020,

Belém/ PA – ISSN 2447-097X



O aluno tem a oportunidade de socializar seu conhecimento exercendo sua cidadania, devolvendo à sociedade a parte que lhe cabe de responsabilidade. Por sua vez os cidadãos são beneficiados com orientações e atendimentos prestados nas mais diversas áreas do conhecimento, o que se traduz em aspectos positivos de interação aluno/comunidade via atividade extensionista extramuros (ZIMMERMANN; SILVEIRA; CRISOSTIMO, 2017, p. 49).

O Programa Conexões de Saberes: diálogos entre as Universidades e as comunidades populares é uma iniciativa do Ministério da Educação – MEC por intermédio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Secadi está em execução na UFPA campus Guamá desde 2005, objetivando através de seus projetos a valorização e fortalecimento dos estudantes em condição de vulnerabilidade social e acadêmica de origem popular de forma que produzam conhecimento científico e intervenham em comunidades populares e baixa renda junto a crianças e jovens das escolas públicas de Educação Básica.

Mantido com os recursos da própria instituição (PROEX/UFPA), os projetos do Programa Conexões de Saberes são desenvolvidos a partir da concepção de formação técnico-política articulada às políticas de ações afirmativas estando ligadas indissociavelmente na produção de conhecimento às dimensões de pesquisa e extensão. Nesse sentido, como promoção de troca de saberes entre universidade e comunidades populares o programa conta com dois projetos de extensão-ensino-pesquisa sendo estes: o “Projeto Circuito de Leitura: lendo para ser feliz” e o “Projeto Conectando Saberes no Ensino Médio” desenvolvidos em escolas periféricas de Belém e Ananindeua bem como em comunidades tradicionais.

Dessa forma, os Conexistas – assim são identificados os bolsistas do Programa Conexões de Saberes – além de ter a possibilidade de desenvolver sua formação a partir do tripé ensino, pesquisa e extensão contribuindo no exercício da cidadania e desenvolvimento social tem também a oportunidade de retornarem a seus lugares de origem, conforme menciona Petit (2009), com certo “sentimento de responsabilidade” intervindo positivamente na transformação da comunidade do qual pertence.

Assim, sabendo que as relações desiguais de poder entre homens e mulheres gera uma cultura de violência e opressão contra a mulher, o GT gênero, Raça, Etnia e Direitos Humanos com base em suas leituras e pesquisas se propôs a realizar tal discussão de forma dialógica com



os estudantes do Ensino Médio expõem as consequências do pensamento misógino e o quanto está enraizado na sociedade sendo naturalizado e reproduzido conscientemente e inconscientemente até mesmo pelas próprias mulheres como:

Mecanismo de sobrevivência na cultura opressora, uma aparente passividade que não deve ser entendida como a aceitação das situações que lhe ferem a dignidade, mas sim como um mecanismo de defesa e sobrevivência (CARNEIRO, 2019).

## 2. CONTEXTO HISTÓRICO DA MASCULINIDADE TÓXICA

Nos últimos anos, vem-se discutindo bastante o conceito de masculinidade tóxica o que expõe uma crise no conceito sobre o que é “ser macho” ou homem. Assim, essa discussão ganha mais espaço quando o mundo passa a deparar-se com uma grande leva de diversidade, tanto no âmbito social, religioso, linguístico e principalmente com a diversidade de gêneros, haja vista que, ainda se vive em uma sociedade completamente machista e patriarcal. No entanto, o conceito de gênero e sexualidade já vem sendo discutido muito antes do século XXI, quando teóricos como Peter Gay (1995), que postulava em sua obra a experiência da primeira guerra mundial, onde dizia que a guerra era uma verdadeira agressão aos princípios culturais do século XIX, impondo assim apenas a vontade do homem de mostrar a sua virilidade e masculinidade.

Foucault (1986) postula que o termo conhecido como sexualidade, só foi definido pelas sociedades modernas e pós-modernas no século XIX, que até esse momento não se entendia como questão de gênero o que era ser homem ou ser mulher, macho ou fêmea. Entretanto, é no século XXI que os conceitos de gêneros ganham espaço para discussão, colocando em pauta assuntos como o papel da mulher na sociedade, se a mulher deveria ou não trabalhar e ser provedora do seu lar, se o homem poderia cuidar da sua casa e dos seus filhos e principalmente se existia diversidade de gênero, movimento que ganha força com o surgimento do movimento LGBTQIA+.

É então, que também se passa a questionar o que é ser homem, e em uma sociedade machista e patriarcal, nada poderia colocar em xeque a masculinidade deles. É quando passa a ter um movimento, a partir de 2017 de voltar ao tradicionalismo, quando os partidos de direita



ganham força e conseguem a eleição de representantes, a volta de uma “família” tradicional era de extrema necessidade.

É notório que, a masculinidade tóxica gera infinitos impactos de rejeições na vida do homem contemporâneo, e a discussão acerca do bem-estar do homem faz-se necessária, assim como a fragilidade do seu ego. Para Bourdieu e Kuhner (2012), lançam mão do conceito de violência simbólica para elucidar esse processo de socialização. Segundo os autores:

[...] sempre vi na dominação masculina, no modo como é imposto e vivenciado, o exemplo por elucidar desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, e invisível a suas próprias vítimas, que se exerce puramente pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância do sentimento. (BOURDIEU; KUHNER, 2012, p.7).

Provindo do contexto histórico, o homem sempre recebeu estímulos para conter suas emoções e sim estimulados a expressar suas emoções negativas, fazendo assim com que as emoções positivas não fizessem parte de sua educação sobre como ser homem. Em consequência, o pai contemporâneo sente maior necessidade de envolver-se com seus filhos buscando maior contato físico e afetivo. (SUTTER; BUCHER- MALUSCHKE, 2008).

### 3. RELATO DA EXPERIÊNCIA

Foi apresentado aos estudantes presentes, por meio de exemplos como a divisão de brinquedos denominados de meninas e de meninos; as tarefas domésticas que são ditas como afazeres apenas das mulheres; o tipo de temperamento que é caracterizado à cada gênero, as várias faces da misoginia e o quanto deve ser abominada tanto na sua forma explícita quanto em sua forma sutil, partindo disso mostrou-se a eles que a mudança inicia no questionamento da linguagem, conforme a autora Adichie (2017) aponta “a linguagem é o repositório de nossos preconceitos, de nossas crenças, de nossos pressupostos. Mas, para lhe ensinar isso, você terá de questionar sua própria linguagem”, assim, ao questionar aos estudantes se estes reproduziam alguma fala que sustente a desigualdade de gênero, alguns responderam afirmando e mencionando desde frases até atitudes que sustentam os papéis de gênero.



Percebe-se que a afirmação dos estudantes reforça a concepção de que se deve desde a infância desconstruir os estereótipos de gênero ensinando-as a não internalizar tais ideias, ao invés disso, terem autonomia. Adichie (2017) afirma que esses papéis são impostos desde cedo em que se percebe a dualidade em vários espaços seja no departamento de roupas infantis, na seção de brinquedos e espaços de recreação, em todos esses se impõem um comportamento de passividade e docilidade das meninas e quanto aos meninos se estimula a dominância e ocupação de espaços.

Ainda segundo a referida autora “os estereótipos de gênero são tão profundamente inculcados em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade” (ADICHIE, 2017, p.28), o que se comprova com a fala de algumas meninas ao dizerem que se sentem irritadas ou injustiçadas em suas casas no que diz respeito às atividades domésticas em que elas executam sem colaboração dos irmãos do sexo masculino, pois “são meninos e as tarefas da casa é das mulheres”. É importante ressaltar que 10 das 11 meninas presentes confirmaram que a masculinidade tóxica afeta seu cotidiano, pois como explicado para os alunos, a violência de gênero não se remete apenas à agressão física mas está presente nas situações de assédios e constrangimentos, formas perpetuadas e consideradas sutis que explicita o machismo e ao se tornar habitual, conforme Diotto e Soutto (2018, p.11) dá-se início a violência contra a mulher “gerando práticas sociais que permitem ataques contra a sua integridade, saúde e liberdade”.

Desse modo é de extrema importância que a escola também promova debates acerca da masculinidade tóxica de modo a trazer compreensão das diversas faces da violência de gênero e discursos de cunho sexista de forma a impedir a perpetuação dessas práticas que oprimem e inferiorizam a mulher perpassando “vários aspectos da vida da mulher, como o social, o psicológico, econômico e político, tornando difícil identificar os traços nocivos mais sutis” (CARNEIRO, 2019). Portanto o tema em questão precisa estar frequentemente em diálogo no intuito de obter trocas de reflexão, permitir reconhecer as diversas armas da misoginia de forma a não banalizar a violência de gênero.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Diante do exposto, pode-se perceber que a discussão sobre a masculinidade não surgiu agora, essa problemática vem sendo debatida desde 1995, quando Peter Gay afirma que a guerra mundial era apenas uma forma de demonstrar a masculinidade e a virilidade dos homens.

A partir da experiência em sala de aula com os alunos observa-se que, ainda hoje, esses comportamentos tóxicos permanecem presentes na sociedade, estando tão enraizados que muitas vezes são reproduzidos inconscientemente. No entanto, identifica-se também que na atualidade existe uma discussão maior sobre essa temática, de forma que as alunas que estavam presentes afirmaram que se sentem irritadas e injustiçadas quando são obrigadas a fazerem atividades tidas apenas como de “mulheres”.

Portanto, é fundamental que as escolas busquem debater sobre masculinidade tóxica e demais questões de gênero, de forma que os alunos possam ter o conhecimento necessário para se desconstruir de comportamentos tóxicos. Sendo assim, um ponto inicial de diálogo que busca trazer reflexões acerca de questões de gênero a fim de romper com os paradigmas que ainda estão imersos na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

BOURDIEU, Pierre; KUHNER, Maria Helena. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARNEIRO, Yanna J. Misoginia: você sabe o que é?. **Politize!**, 05 ago. 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/misoginia/>. Acesso em: 08 out. 2020.

CRISOSTINO, Ana Lúcia; SILVEIRA, Rosemari Monteiro Castilho Foggiatto (org.). **A extensão universitária e a produção do conhecimento: caminhos e intencionalidades**. Guarapuava: Ed da Unicentro, 2017.

DIOTTO, Nariel; SOUTO, Raquel Buzatti. **Desigualdade de gênero e misoginia: a violência invisível**. 10º Jornada de Pesquisa e 9º Jornada de Extensão do Curso de Direito. Santa Maria. 2018.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade II - O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.



GAY, Peter. **O Cultivo do Ódio**: a experiência da burguesia da Rainha Vitória e Freud. São Paulo: Cia das Letras.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à diversidade**. Editora 34. 2009.

SUTTER, Christina; BUCHER-MALUSCHKE, Júlia Sursis Nobre Ferro. Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina da paternidade participativa. **Psico**. Rio Grande do Sul, v. 39, n.1, p.74-82.

